

A EXPRESSÃO MUSICAL E A CRIANÇA DE ZERO A CINCO ANOS

Monique Andries Nogueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O presente texto trata da importância do trabalho pedagógico a ser realizado nas instituições de educação infantil, tendo em vista a musicalização das crianças de zero a cinco anos. Para tanto, discorreu-se sobre o papel da música no desenvolvimento infantil, assim como o papel de professores e gestores na garantia da promoção de uma abordagem integral da criança que perceba a música como uma de suas expressões e sobre a contribuição dos documentos oficiais para esse processo. Por fim, sugere-se uma listagem de títulos de livros e CDs que possam auxiliar o professor no planejamento do trabalho com a linguagem musical.

Palavras-chave: Educação musical, Expressão musical, Formação de ouvintes.

INTRODUÇÃO

A música está junto à humanidade desde os mais remotos tempos e longínquos espaços. E, sem sombra de dúvida, é das linguagens artísticas mais presentes na nossa vida cotidiana. Quem seria capaz de se lembrar de algum indivíduo que não seja um “consumidor” de música? Seja de forma mais ativa, como a de um frequentador de concertos ou *shows*, ou de forma mais passiva, como aquele que ouve música no rádio do carro enquanto dirige, seja ouvindo música no sistema de som do ônibus, na praça de alimentação de um *shopping*, praticando corrida com o fone no ouvido, o fato é que, hoje, é praticamente impossível encontrar um ser humano que seja indiferente à música.

Trata-se, então, de linguagem fundamental na vida humana, presente tanto em momentos marcantes, como nas atividades mais corriqueiras. Sendo assim, concordamos com Snyders (1992): a escola não pode abrir mão dessa linguagem na vida de seus alunos. Tratando-se da Educação Infantil, parafraseamos: como as instituições podem abrir mão de fazer uso dessa linguagem tão importante na vida das crianças pequenas?

Para discorrer sobre essa importante linguagem artística e suas possibilidades de trabalho pedagógico na educação de crianças, desenvolveremos o texto abordando diferentes aspectos tais como: seu papel primordial no desenvolvimento da criança, o papel dos professores e gestores e, por fim, o que trazem os documentos oficiais a respeito.

1. A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Inicialmente, é preciso esclarecer nosso conceito de desenvolvimento. Segundo o dicionário Houaiss, este é um termo que apresenta muitas acepções. Escolhemos algumas delas: “[...] aumento de qualidades morais, psicológicas, intelectuais etc., [...] crescimento, progresso, adiantamento” (HOUAISS, 2002, p. 989). No entanto, há uma tendência, em nossa civilização, de se concentrar a ideia de desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivos, isto é, no que diz respeito ao aprendizado intelectual. É uma tendência natural em uma civilização tão competitiva e tecnicista. Em função disso, muito se tem falado a respeito do papel da música na melhoria do rendimento acadêmico de estudantes.

Nossa opção, contudo, vai pela contramão desta tendência. Entendemos que o processo de crescimento de uma criança está muito além apenas de seus aspectos físicos ou intelectuais, pois envolve outras questões, certamente tão complexas quanto às da maturação biológica. Dessa forma, optamos por trabalhar a ideia de desenvolvimento infantil a partir de uma abordagem mais ampla, abarcando também seus aspectos de amadurecimento afetivo e social, sem deixar de lado, obviamente, o aspecto cognitivo.

É importante ressaltar que toda criança está imersa em um caldo cultural que é formado não só pela sua família, como também por todo o grupo social no qual ela cresce. Nesse sentido, a forma como a música influencia o desenvolvimento de uma criança carajá, por exemplo, é muito diferente da forma como isso se dá com uma criança branca; da mesma forma, uma criança de classe média alta, que frequenta ambientes nos quais a música é praticada de forma intensa, apresenta características bem diversas de uma criança que se vê vítima da exploração do trabalho infantil.

Obviamente nosso foco não será o de uma criança especial, de algum grupo social específico. Nossas observações levarão em consideração as pesquisas feitas na área que, na sua grande maioria, tiverem como sujeitos crianças ocidentais, escolarizadas, de inteligência dita normal. Ainda que não concordemos com a ideia de um modelo de criança universal, entendemos que estas pesquisas, guardadas as devidas proporções, podem nos elucidar muitos aspectos.

Nesse sentido, entendemos que as reflexões a serem apresentadas neste artigo, a partir de um referencial específico, podem nos auxiliar a compreendermos melhor a relação criança-música-desenvolvimento, ressaltando que as particularidades de cada grupo social merecem ser investigadas com afinco, em outros momentos, por outros autores.

1.1 A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

Inúmeras pesquisas, desenvolvidas em diferentes países e em diferentes épocas, particularmente nas décadas finais do século XX, confirmam que a influência da música no desenvolvimento da criança é incontestável. Algumas delas demonstraram que o bebê, ainda no útero materno, desenvolve reações a estímulos sonoros.

Schlaug, da Escola de Medicina de Harvard (EUA), e Gaser, da Universidade de Jena (Alemanha), revelaram que, ao comparar cérebros de músicos e não músicos, os do primeiro grupo apresentavam maior quantidade de massa cinzenta, particularmente nas regiões responsáveis pela audição, visão e controle motor (apud SHARON, 2000). Segundo esses autores, tocar um instrumento exige muito da audição e da motricidade fina das pessoas. Os autores perceberam que a prática musical faz com que o cérebro funcione “em rede”: o indivíduo, ao ler determinado sinal na partitura, necessita passar essa informação (visual) ao cérebro; este, por sua vez, transmitirá à mão o movimento necessário (tato); ao final disso, o ouvido acusará se o movimento feito foi o correto (audição). Além disso, os instrumentistas apresentam mais coordenação na mão não dominante do que pessoas comuns. Segundo Gaser, o efeito do treinamento musical no cérebro é semelhante ao da prática de um esporte nos músculos. Será por isso que Platão já afirmava, há tantos séculos, que a música é a ginástica da alma?

Outros estudos apontam também que, mesmo se o contato com a música for feito por apreciação, isto é, não tocando um instrumento, mas simplesmente ouvindo com atenção e propriedade (percebendo as nuances, entendendo a forma da composição), os estímulos cerebrais também são bastante intensos.

Ao mesmo tempo que a música possibilita essa diversidade de estímulos, ela, por seu caráter relaxante, pode estimular a absorção de informações, isto é, a aprendizagem. Losavov, cientista búlgaro, desenvolveu uma pesquisa na qual observou grupos de crianças em situação de aprendizagem, e a um deles foi oferecida música clássica, em andamento lento, enquanto estavam tendo aulas. O resultado foi uma grande diferença, favorável ao grupo que ouviu música. A explicação do pesquisador é que ouvindo música clássica, lenta, a pessoa passa do nível *alfa* (alerta) para o nível *beta* (relaxados, mas atentos); baixando a ciclagem cerebral, aumentam as atividades dos neurônios e as sinapses tornam-se mais rápidas, facilitando a concentração e a aprendizagem (apud OSTRANDER e SCHOEDER, 1978).

Outra linha de estudos aponta a proximidade entre a música e o raciocínio lógico-matemático. Segundo Schaw, Irvine e Rauscher (apud CAVALCANTE, 2004), pesquisadores

da Universidade de Wisconsin, alunos que receberam aulas de música apresentavam resultados de 15 a 41% superiores em testes de proporções e frações do que os de outras crianças. Em outra investigação, Schaw verificou que alunos de 2ª série que faziam aulas de piano duas vezes por semana, apresentaram desempenho superior em matemática aos alunos de 4ª série que não estudavam música.

Enfim, o que se pode concluir a esse respeito é que efetivamente a prática de música, seja pelo aprendizado de um instrumento, seja pela apreciação ativa, potencializa a aprendizagem cognitiva, particularmente no campo do raciocínio lógico, da memória, do espaço e do raciocínio abstrato.

1.2 A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO AFETIVO

Um outro campo de desenvolvimento é o que lida com a afetividade humana. Muitas vezes menosprezado por nossa sociedade tecnicista, é nele que os efeitos da prática musical se mostram mais claros, independentemente de pesquisas e experimentos. Todos nós que lidamos com crianças percebemos isso. O que tem mudado é que agora estes efeitos têm sido estudados cientificamente também.

Em pesquisa realizada na Universidade de Toronto, Sandra Trehub (apud CAVALCANTE, 2004) comprovou algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, ficam mais alertas.

Nossas avós também já sabiam que colocar um bebê do lado esquerdo, junto ao peito, o deixa mais calmo. A explicação científica é que nessa posição ele sente as batidas do coração de quem o está segurando, o que remete ao que ele ouvia ainda no útero, isto é, o coração da mãe. Além disso, a eficácia das canções de ninar é prova de que música e afeto se unem em uma mágica alquimia para a criança. Muitas vezes, mesmo já adultos, nossas melhores lembranças de situação de acolhimento e carinho dizem respeito às nossas memórias musicais. Já presenciamos vivências em grupos de professores que, a princípio, não apresentavam memórias de sua primeira infância. Ao ouvirem certos acalantos, contudo, emocionaram-se e passaram a relatar situações acontecidas há muito tempo, depois confirmadas por suas mães.

Por todas essas razões, a linguagem musical tem sido apontada como uma das áreas de conhecimentos mais importantes a serem trabalhadas na Educação Infantil, ao lado da linguagem oral e escrita, do movimento, das artes visuais, da matemática e das ciências humanas e naturais. Em países com mais tradição que o Brasil no campo da educação da criança pequena, a música recebe destaque nos currículos, como é o caso do Japão e dos pa-

íses nórdicos. Nesses países, o educador tem, na sua graduação profissional, um espaço considerável dedicado à sua formação musical, inclusive com a prática de um instrumento, além do aprendizado de um grande número de canções. Este é, por sinal, um grande entrave para nós: o espaço destinado à música em grande parte dos currículos de formação de professores é ainda incipiente, quando existe. É preciso investir significativamente na formação estética (e musical, particularmente) de nossos professores, se realmente quisermos obter melhores resultados na educação básica.

Ainda abordando os efeitos da música no campo afetivo, estudos recentes ampliam ainda mais nosso conhecimento a respeito. Zatorre, da Universidade de McGill (Canadá), e Blood, do Massachusetts General Hospital (EUA), desenvolveram uma pesquisa que buscou analisar os efeitos no cérebro de pessoas que ouviam músicas, as quais segundo as mesmas lhes causavam profunda emoção. Verificou-se que ao ouvir essas músicas, as pessoas acionaram exatamente as mesmas partes do cérebro que têm relação com estados de euforia. Segundo esses autores, isso confere à música uma grande relevância biológica, relacionando-a aos circuitos cerebrais ligados ao prazer (2001).

Há também inúmeras experiências na área de saúde, trabalhos em hospitais que utilizam a música como elemento fundamental para o controle da ansiedade dos pacientes. A origem deste trabalho remonta à 2ª Guerra Mundial, quando músicos foram contratados para auxiliar na recuperação de veteranos de guerra por hospitais norte-americanos. Pode-se afirmar que esse foi um grande impulso para a área de musicoterapia, hoje com reconhecimento acadêmico consolidado. É cada vez mais comum a presença da música nestes locais, seja para diminuir a sensação de dor em pacientes depois de uma cirurgia, junto a mulheres em trabalho de parto (para estimular as contrações) ou na estimulação de pacientes com dano cerebral. Nesse sentido, não é exagero afirmar que os efeitos da música sobre os sentimentos humanos estão, cada vez mais, migrando da sabedoria popular para o reconhecimento científico.

1.3 A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. Por exemplo, os acalantos ouvidos por um bebê no Brasil não são os mesmos ouvidos por um bebê nascido na Islândia; da mesma forma, as brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura.

Além disso, a música também é importante do ponto de vista da maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Fanny Abramovich, em memorável artigo, afirma:

Ô ciranda –cirandinha, vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar, quem não se lembra de quando era pequenino, de ter dados as mãos pra muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado, cantado e dançado por horas? Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, pra cantarolar a Teresinha de Jesus, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga pra saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele pra quem a disputada e amada Teresinha daria, afinal, a sua mão? E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todos, quando no centro da roda, a menina cantava: “sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o ...(Sérgio? Paulo? Fernando? Alfredo?) para ser meu par”. E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio pra dançar junto com aquela que o havia escolhido... Quanta declaração de amor, quanto ciúminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos (ABRAMOVICH, 1985, p. 59).

Essas cantigas e muitas outras que nos foram transmitidas oralmente, por inúmeras gerações, são formas inteligentes inventadas pela sabedoria humana para nos prepararmos para a vida adulta. Tratam de temas tão complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro, queiram seus pais ou não. São experiências de vida que nem o mais sofisticado brinquedo eletrônico pode proporcionar.

2. O PAPEL DOS PROFESSORES E GESTORES

Muitas vezes, os professores da Educação Infantil manifestam seus temores em relação ao ensino das linguagens artísticas, em especial ao da música. Afirmam que não tiveram formação suficiente e, por isso, deslocam essa tarefa para um professor especialista que, raramente, a instituição dispõe. Obviamente, concordamos com a necessidade de uma formação sólida nas diferentes linguagens artísticas para todo pedagogo. Em especial, para o futuro educador infantil, por se tratar daquele que terá contato com a criança justamente em um momento ímpar para o desenvolvimento integral e plural desse pequeno cidadão. Também reafirmamos a importância da instituição escolar contar com a presença de licenciados em

Música (e nas demais linguagens artísticas), não necessariamente para atuarem diretamente em todas as turmas, mas certamente para desenvolver um trabalho de parceria fundamental no planejamento dos pedagogos. No entanto, é preciso problematizar esta questão e tentar fazer a “leitura a contrapelo” dessa demanda.

Alguns educadores afirmam que não sabem música porque não tocam instrumento algum, não sabem ler partituras e, sendo assim, não estariam aptos a fazer uso dessa linguagem. Percebe-se aqui uma visão equivocada do que seria “saber música”. O genial Cartola também não sabia ler partituras e nem por isso deixou de ser reconhecido com um dos maiores compositores da Música Popular Brasileira; muitos não são extremamente afinados, nem por isso deixam de vivenciar os prazeres de cantar a plenos pulmões suas canções preferidas em um show... Sem desprezar a importância do desenvolvimento técnico, tentamos deslocar essa visão para pensar a respeito do que seria efetivamente o papel do pedagogo em relação à educação musical da criança de zero a cinco anos.

Em primeiro lugar, é preciso ter claro que não se pretende formar músicos na Educação Infantil, nem mesmo na Educação Básica como um todo. A tarefa de formar profissionais é da escola especializada, dos conservatórios, dos outros músicos. O objetivo primordial da educação musical na infância é formar bons ouvintes, bons apreciadores de música. É contribuir para que esses pequenos cidadãos possam usufruir de todo um patrimônio musical produzido pela humanidade ao longo dos tempos. Vivenciar música é uma das mais poderosas formas de se constituir parte da humanidade! Todos os demais benefícios já citados da prática musical para o desenvolvimento da criança apenas são facetas dessa grande tarefa que é a de educar esteticamente, isto é, preparar as crianças para a fruição plena do prazer da experiência estética por meio da música.

Diante disso, pode-se perceber que não é necessário que o educador infantil saiba tocar um instrumento musical ou ler partituras (embora tais habilidades possam ser-lhe muito úteis). Mas é extremamente necessário que ele veja a música como uma linguagem primordial que deve fazer parte do dia a dia de seus alunos, priorizando as atividades de produção e apreciação musical ativa. Para tanto, precisa, antes de tudo, cercar-se de repertório musical de qualidade, de uma diversidade de gêneros e artistas que promova o crescimento do potencial apreciador das crianças.

Não temos receio de enfrentar essa polêmica, sempre presente quando utilizamos a expressão *música de qualidade*. Afirmamos que é preciso exercitar nossa capacidade de julgamento e fugir de uma posição falsamente democrática que iguala a tudo e todos. Em outros campos do conhecimento, não se tem tanto temor em fazer tais classificações: afirma-se, com razão, que a obra de Machado de Assis é superior, em termos literários, a livros de bolso

presentes em bancas de jornal de rodoviárias. Ainda que se reconheça a função social de tais publicações (como para a distração de um viajante), ninguém seria acusado de “elitista” por reconhecer que o domínio da técnica literária por parte do autor de *Dom Casmurro* o torna imprescindível, mais importante para a formação de um leitor crítico do que a revista da banca. Da mesma forma, entendemos que há características estéticas que tornam determinadas produções musicais mais adequadas ao trabalho pedagógico com a infância, e que podemos, sem medo, denominar *música de qualidade*. Para tornar mais claro o que seria essa música, podemos elencar algumas de suas características, dando alguns exemplos.

Em termos globais, poderíamos dizer que um repertório de qualidade para o trabalho pedagógico é aquele que promove um crescimento do ouvinte, ampliando seus parâmetros estético-musicais, por meio de uma diversidade de ritmos, gêneros, arranjos. É aquele repertório diversificado, que transita entre o popular e o erudito, com destaque para as produções folclóricas que auxiliam a criança na construção de sua identidade nacional.

Além desses aspectos específicos da linguagem musical, é também importante atentar para as letras, nos casos das canções. Dentro da ideia de que a música de qualidade deve promover o crescimento integral da criança, as letras das canções devem estar de acordo com os valores que o educador pretende desenvolver. A obra da cantora e compositora Bia Bedran, assim como as produções do Grupo Palavra Cantada, são bons exemplos desse recorte. Tratam de temáticas importantes como respeito à diversidade, cultura africana, cultura indígena, pacifismo, ética, ecologia, amor aos livros; tudo isso aparece em suas letras, sem descuidar de arranjos primorosos, ricos, diferenciados que aumentam em muito o repertório das crianças e professores.

É preciso muito cuidado com a coerência, pois a criança aprende mais pelo exemplo do que pelo discurso. Desse modo, não adianta o professor falar que todos têm os mesmos direitos, mas utilizar na apresentação festiva uma canção que reforça o preconceito de cor; não se pode afirmar no projeto político pedagógico que se trabalha em uma perspectiva não sexista, mas optar por uma produção musical midiática que reforça a erotização precoce das meninas. Os exemplos desse tipo são, infelizmente, em grande número.

Nesse nosso mundo administrado, é muito difícil nadar contra a corrente da chamada indústria cultural. Por isso, os educadores estão sempre sendo seduzidos pelas ondas fonográficas para fazerem uso da chamada música midiática nos espaços escolares. Muitos defendem a ideia de que a instituição escolar fica “fora do mundo” quando opta por trabalhar exclusivamente com o chamado repertório de qualidade (a música folclórica, a música popular de compositores comprometidos com a educação da infância, os grandes clássicos); defendem a ideia de que a escola, e mesmo a instituição de educação infantil, deve se render

àquilo que as “crianças gostam”. Discordamos radicalmente dessa posição que, para nós, é falsamente democrática, pois com isso apenas reforça o fosso que já separa aqueles que nasceram em famílias com maior capital cultural e podem dispor de produções mais elaboradas e aqueles de origem popular que, se não tiverem na escola contato com tais produções, ficarão para sempre relegados ao lixo que a indústria cultural lhes reserva.

Entendemos que o educador tem como tarefa primordial a ampliação dos parâmetros estéticos de seus alunos. Se for para reproduzir o que os meios de comunicação de massa já fazem à exaustão, para que serve a instituição escolar? Se for para ouvir, no espaço da instituição escolar, as produções massificadas, de baixo valor estético, que inundam os espaços sociais, que contribuição terá dado o professor ao crescimento integral de seus alunos?

Optar pelas produções já consagradas pelos meios de comunicação de massa – os chamados sucessos de vendagem – certamente é mais fácil, principalmente se o que se tem como prioritário é o resultado final. É muito mais provável que uma apresentação para as mães tenha o resultado esperado ao se optar por utilizar uma canção já conhecida das crianças por fazer parte da trilha sonora da telenovela ou por estar no CD da apresentadora que, por meio de agressiva estratégia de marketing, inundou nossos ouvidos ao ser executado ininterruptamente nas lojas. Menos ensaios serão necessários, provavelmente as mães cantarão junto, baterão palmas: sucesso garantido.

Mais difícil seria optar por uma produção não conhecida das crianças, descoberta após um eficiente trabalho de busca por gêneros pouco presentes nas mídias ou mesmo um clássico revisitado. Para tanto, o professor precisaria dispor de mais tempo para envolver as crianças com aquela produção, familiarizá-las com aquele gênero, apresentar outras obras similares para apreciação, promover ensaios. Talvez o resultado final não fosse tão calorosamente recebido pela plateia, mas certamente teria sido mais rico, do ponto de vista do processo criador das crianças. Cabe, portanto, ao professor se perguntar: qual é o meu papel? O de educador – aquele que promove o encontro com o conhecimento, que amplia o universo de seus alunos – ou o de animador de festinhas – aquele que tem como único objetivo entreter as crianças e seus pais por pouco tempo e por isso opta por fazer sempre o mesmo?

Os gestores também têm papel fundamental na consolidação do trabalho pedagógico com a linguagem musical. Primeiramente, é preciso que tenham uma atitude de abertura, sem exigir dos professores um planejamento que hierarquize as diferentes linguagens, priorizando um processo de alfabetização precoce que restringe em muito o tempo e o espaço das linguagens expressivas, em especial, da música. Cabe aos gestores apoiar as iniciativas do professor que busca a formação musical dos alunos, assim como garantir que possa complementar sua própria formação por meio de projetos de educação continuada na área musical.

Além disso, os gestores são fundamentais na garantia de espaço e material adequado para o trabalho musical. Aparelhos de som devem estar acessíveis aos professores: não se pode admitir que as instituições de educação infantil mantenham seus aparelhos de som fechados nos almoxarifados e que professores precisem negociar o seu uso. A música deve permear o dia a dia da instituição e, para tanto, o aparelho de som deve fazer parte do mobiliário de cada sala de aula. Além disso, uma discoteca com razoável acervo deve estar disponível; da mesma forma que se busca garantir, com justiça, o acesso aos livros literários por meio de uma biblioteca infantil bem equipada, deve-se garantir o acesso a um repertório mais rico por meio de um amplo acervo de discos.

3. O QUE TRAZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresenta, em seu volume terceiro, seis áreas de conhecimento que devem fazer parte do currículo da Educação Infantil. São elas: Música, Movimento, Artes Visuais, Linguagem oral e escrita, Conhecimento matemático e Natureza e sociedade. Como se pode notar, três delas dizem respeito diretamente a linguagens artísticas (Música, Artes Visuais e Movimento). Isso equivale dizer que para o órgão máximo da educação brasileira, a Arte, nas suas diferentes expressões, deve fazer parte de 50% do currículo da educação infantil. Portanto, promover a musicalização das crianças de zero a cinco anos não é mero passatempo: é parte integrante do trabalho pedagógico.

O documento do RCNEI/MEC referente à Música apresenta importantes considerações acerca do trabalho musical. Constitui-se, como o nome já diz, em um referencial para o professor: não o único, certamente, mas um adequado parâmetro. Apresenta uma crítica sobre as concepções de música mais comuns na escola (*musiquinhas* para controle disciplinar, movimentos estereotipados, trilha sonora para um imutável calendário cívico) e oferece outras sugestões de atividades musicais adequadas a essa faixa etária. Ao final, elenca 55 discos adequados ao trabalho com a criança. Como toda lista, é provisória, outras sugestões poderiam ser acrescentadas hoje em dia. No entanto, trata-se de iniciativa louvável por indicar ao professor um recorte específico, pois é de se notar que tal listagem contém apenas títulos que se encaixam na definição de música de qualidade apresentada anteriormente: nada de CDs de sucesso fácil, produções midiáticas mais preocupadas com o sucesso econômico do que com valores estéticos. Os títulos variam de gênero, passando do folclórico ao erudito, contemplando produções de MPB, mas apresentando o denominador comum da qualidade e adequação ao trabalho com a criança. Trata-se de um rico manancial de sugestões para o professor.

CONCLUSÃO

Garantir o direito da criança pequena a uma Educação musical não é tarefa consolidada em nosso país. Décadas de ausência de uma educação musical sistematizada na escola básica trouxe muitos prejuízos que talvez possam ser minimizados com a promulgação da Lei 11769/2008, a qual torna obrigatório o ensino de conteúdos musicais. Além dos prejuízos que podem ser percebidos diretamente, há também os que só se percebem em médio prazo: entre esses, seguramente está o receio sentido pelos educadores de hoje quanto às possibilidades de trabalhar com a linguagem musical. Obviamente, uma formação musical sólida é importante; no entanto, não se pode cair no imobilismo e esperar que todos os professores generalistas tenham essa formação esmerada ou que todos os músicos se encantem pela docência.

O que é possível fazer já, para benefício de inúmeras crianças que hoje se encontram nas instituições de Educação Infantil, é permear esses ambientes com música, por meio de atividades relacionadas tanto à produção musical como o canto, a exploração sonora, a sonorização de histórias, a criação de coreografias, quanto à apreciação e reflexão sobre um repertório rico e diversificado. Com essa disposição, certamente, o professor da Educação Infantil estará cumprindo o seu papel quanto ao desenvolvimento da expressão de seus alunos, assim como garantindo a eles a fruição dessa poderosa manifestação humana que é a música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....



ABRAMOVICH, F. **Quem educa quem?** 5. ed. São Paulo: Summus, 1985. p. 59.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, R. **Música na cabeça.** Disponível em: <www.habro.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2004.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 989.

OSTRANDER, L.; SCHOEDER, L. **Super-aprendizagem pela sugestologia.** Rio de Janeiro: Record, 1978.

SHARON, B. A música na mente. **Revista Newsweek**, 24/07/2000.

ZATORE; BLOOD. **Música tem o mesmo endereço que sexo e comida em nosso cérebro.** Disponível em: <www.prometeu.com.br>. Acesso em: 1 out. 2001.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. (org). **Theodor W. Adorno**. 2. ed.. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 54).
- ADORNO, T. W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 6. v.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CUNHA, S. (org.). **Cor, som e movimento**. Porto Alegre: Mediação, 1999. (Cadernos Educação Infantil, v. 8).
- NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação do ouvinte crítico: um direito do cidadão** (propostas para a Educação musical no Ensino Fundamental). Dissertação de Mestrado. FE/UFG. Goiânia, 1994.
- NOGUEIRA, Monique Andries. Repertório para a formação de bons ouvintes. **Revista Inter-ação**, v. 22, n. 1/2. Goiânia, UFG, 1998.
- NOGUEIRA, Monique Andries. Música, consumo e escola: reflexões possíveis e necessárias. In: PUCCI et al. (orgs.). **Teoria crítica, estética e educação**. Campinas/Piracicaba: Autores Associados/Unimep, 2001.
- NOGUEIRA, Monique Andries. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista UFG**, ano VI, volume 2. Goiânia: UFG, 2004.
- NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação cultural do professor ou a arte da fuga**. Goiânia: UFG, 2008.
- SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

DISCOGRAFIA SUGERIDA¹:

- BEDRAN, Bia. **Coletânea de canções infantis**. Ângelus produções artísticas, 1997.
- BEDRAN, Bia. **A caixa de música de Bia**. Ângelus produções artísticas, 1996.
- BEDRAN, Bia. **Bia canta e conta**. Volumes 1 e 2. Ângelus produções artísticas.
- BEDRAN, Bia. **Brinquedos cantados**. Ângelus produções artísticas, 2003.
- BEDRAN, Bia. **Fazer um bem**. Ângelus produções artísticas.
- COLEÇÃO DISQUINHO. Continental, 2002. (remasterização em CD).
- CHAN, Thelma. **Dos pés à cabeça**. Ed. Fermata do Brasil.
- CRUZ, Juraíldes da. **Meninos**. Secretaria de Cultura de Goiânia.
- VALE, Rubinho do. **Enrola-bola**. 1996.
- ZISKIND, Hélio. **Meu pé, meu querido pé**. Velas, 1997.

1. A esses, devem ser acrescentados os 55 títulos sugeridos no RCNEI/MEC.